

FICHA TÉCNICA

Título original: *Here and Gone*

Autor: *Haylen Beck*

Copyright © Neville Singular Limited, 2017

Edição portuguesa publicada por acordo com Sobel Weber Associates Inc.

Os direitos morais do autor estão certificados

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2017

Tradução: *Miguel Romeira*

Revisão: *Lino Palmeiro e Carlos Jesus/Editorial Presença*

Imagem da capa: *Tim Robinson* © *Arcangel*

Capa: *Vera Espinha/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.^a edição, Lisboa, outubro, 2017

Depósito legal n.º 431 825/17

Reservados todos os direitos

para a língua portuguesa à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

CAPÍTULO 1

A estrada curvava ora à direita, ora à esquerda, numa cadência que ia deixando Audra Kinney de pálpebras cada vez mais pesadas, à medida que os quilómetros se sucediam. Aliás, já desistira de os contar — isso só fazia com que a viagem parecesse ainda mais demorada. Os ossos protestaram quando ela esticou e fletiu os dedos umas quantas vezes sobre o volante; tinha as palmas das mãos peganhentas da transpiração.

A carrinha tinha oito anos e graças a Deus ela mandara mudar os filtros do ar condicionado no começo do ano. Os verões em Nova Iorque eram quentes, certo, mas nada assim. Não era um calor que se comparasse ao do Arizona. «É um calor seco», diziam as pessoas. *Sim, pois, seco tipo o Sol*, pensou Audra. Mesmo às cinco e meia da tarde, com o ar no máximo e tão frio que até a deixava com pele de galinha, se pusesse a mão fora da janela, tornava a pô-la para dentro de seguida, como quem tocou numa cafeteira a ferver.

— Mãe, tenho fome — queixou-se Sean, do banco de trás.

Aquele tom choramingas fê-la saber que o filho estava cansado e rabugento e que talvez fosse fazer birra. Ao lado dele, Louise dormia na cadeirinha, a boca aberta e o cabelo loiro húmido da transpiração e a colar-se-lhe à testa. E ao colo dela estava o *Gogo*, ou melhor, o que restava do coelhinho de peluche que ela tinha desde bebé.

Sean era um menino bem-comportado. Todos quantos o conheciam diziam isso. E o mesmo nunca fora tão evidente como nos últimos dias, em que tanto lhe fora pedido e ele soubera estar à altura. Audra observou-o pelo retrovisor. O rosto anguloso e o cabelo loiro

eram do pai, mas aqueles braços e pernas compridos herdaram-os da mãe. O filho, quase a fazer onze anos, ficara mais esgalgado desde há poucos meses, um lembrete de que ia entrar na puberdade. Vendo a situação, ele praticamente não se queixara desde que tinham saído de Nova Iorque e até ajudara com a irmã pequenina. Não fosse o filho e talvez ela já tivesse enlouquecido algures pelo caminho.

«Já tivesse enlouquecido?!»

Como se o que estava a fazer não fosse já loucura bastante...

— Há uma cidade alguns quilómetros adiante — anunciou.

— Podemos parar e comer qualquer coisa. Talvez até haja sítio para passar a noite.

— Espero bem — disse Sean. — Não quero dormir outra vez no carro.

— Nem eu.

E isto pareceu ser a deixa para uma pontada entre as omoplatas, como se os músculos se estivessem a descoser — como se ela se estivesse a rasgar toda e daí a pouco fosse começar a sair-lhe sumaúma pelas costuras.

— Ainda têm água? — perguntou, fazendo contacto visual pelo retrovisor.

Viu o filho olhar para o colo e ouviu a água a chacoalhar na garrafa de plástico.

— Eu, um bocadinho. A Louise já bebeu a dela toda.

— OK. Já compramos mais quando pararmos.

Sean voltou a atenção para o mundo que ia passando lá fora. A encosta, irregular e revestida de vegetação seca, começava a subir em rampa logo dali da beira da estrada. Os catos como que de plantão, de braços erguidos para o céu, lembravam soldados a renderem-se. E, por cima deles, azul-escuro a perder de vista, apenas interrompido por fiapos brancos aqui e ali e a tingir-se vagamente de amarelo à medida que o Sol deslizava para poente, onde iria desaparecer no horizonte. À sua maneira, era uma paisagem lindíssima. E Audra bem teria gostado de a admirar, de a saborear, fosse a situação outra.

Não estivesse ela em fuga.

E a verdade era que escusava de ter fugido. Podia ter esperado que as coisas se resolvessem, só que esperar era uma tortura — os segundos a passarem a minutos, e os minutos a horas e ela sem ideia do que iria acontecer. Até que fizera as malas e fugira. «Como uma cobarde», teria dito Patrick. Aliás, sempre lhe dissera que ela era uma fraca. Claro que, logo a seguir, já estava a dizer que a amava.

Audra recordava um momento, os dois na cama, ela de costas aninhadas no peito do marido, a mão dele a segurar-lhe um seio. E Patrick a dizer que a amava. Que, apesar de tudo, a amava. Como se ela não merecesse o amor dele, por ser quem era. Patrick sempre tivera um dom especial para os elogios que feriam ao de leve, mas tão ao de leve que ela só dava pela feridinha já depois, quando ficava acordada no escuro com as palavras dele às voltas na cabeça. Às voltas como pedras num frasco, um barulho que parecia...

— Mãe!

Ela levantou bruscamente a cabeça e viu o camião vir direito a eles, a fazer-lhe sinal com os máximos. Guinou para a direita, tornando a ficar na sua faixa, e o camião passou por eles, o homem ao volante a olhá-la como se a quisesse matar. Audra sacudiu a cabeça, pestanejou muitas vezes, a ver se se livrava daquele sujo seco nos olhos, e inspirou profundamente pelo nariz.

Não chegara a ser mesmo por um triz. Mas estivera perto disso. Praguejou entredentes.

— Estão bem? — perguntou.

— Sim — respondeu Sean, a voz a vir-lhe do fundo da garganta, como ele fazia quando lhe queria esconder que estava com medo.

— Se calhar, podíamos parar daqui a mais um bocadinho.

De seguida, foi Louise quem falou, as palavras a saírem-lhe empastadas do sono:

— O que foi?

— Nada — respondeu-lhe o irmão. — Continua a dormir.

— Mas eu já não estou com sono — disse ela. Depois tossiu e Audra ouviu-lhe outra vez aquele arranhar no peito. Desde manhã que estava naquilo, a tosse a ficar insistente com o correr do dia.

Observou a filha pelo retrovisor. Era só o que lhe faltava: Louise ficar doente. Pequena para a idade e magrinha, sempre fora mais atreita a adoecer do que o irmão. Abraçou-se ao *Gogo*, a cabeça tombou-lhe para trás e ela tornou a fechar os olhos.

A estrada subiu e então entraram numa extensão plana, deserto a perder de vista de um lado e do outro e, a norte, montanhas. Seriam as montanhas de São Francisco? Ou as montanhas da Superstição? Ela não sabia; teria de ver num mapa, a ver se refrescava as noções de geografia. Também não importava. Para já, apenas importava aquela loja lá adiante, à beira da estrada.

— Mãe, olha.

— Sim, já vi.

— Podemos parar?

— Sim.

Talvez tivessem lá café. Uma boa chávena de café forte e ela conseguiria aguentar-se por mais alguns quilómetros. Meteu o pisca e saiu para a estrada secundária do lado direito, depois atravessou a ponte de gado e entrou na área de terra batida diante da loja. Por cima da entrada, um letreiro de madeira anunciava: «MERCEARIA. FAZEM-SE GRAVAÇÕES EM METAL», em grandes maiúsculas vermelhas sobre fundo branco. Era uma construção de madeira, de piso único e com bancos a todo o comprimento do alpendre; os vidros eram escuros e estavam todos sujos de poeira, de tal maneira que mal se distinguia uma ou outra luz acesa lá dentro.

Já tarde de mais, Audra apercebeu-se de que o único carro ali estacionado era um carro-patrolha. Tanto podia ser da polícia estadual, de vigia na estrada, como do xerife do condado; àquela distância, ela não conseguia ver.

— Merda — resmungou.

— Mãe, disseste um palavrão.

— Eu sei. Desculpa.

Abrandou e ouviu o barulho das pedrinhas sob os pneus. Bom, podia sempre dar meia-volta e voltar à estrada. Não. Fosse o xerife, um agente em patrulha ou quem raio fosse ali naquele carro, decerto já a vira. Se agora saísse dali, apenas levantaria suspeitas. Fá-lo-ia ficar alerta.

Parou ali, na parte da frente da loja, tão afastada quanto possível do carro-patrolha, porém sem denunciar que era mesmo essa a sua intenção. O motor parou com um estertor e, pensativa, ela levou a chave aos lábios. *Sai e vai lá dentro buscar o que te faz falta. Qual é o mal? És só alguém que quer um café, talvez umas quantas latas de refrigerante e mais um pacote de batatas fritas.*

Nos últimos dias, reparara em cada carro da polícia que passava. Andariam à procura dela? O bom senso dizia-lhe que não — quase de certeza não andavam. Ela não era uma fugitiva, ou era? Ainda assim, uma partezinha aterrorizada do seu cérebro não se livrava do medo e não parava de repetir que eles estavam em alerta e andavam à procura dela. À sua caça, aliás.

Só que, se eles andassem mesmo à procura de alguém, não seria dela, mas sim dos seus filhos.

— Fica aqui com a Louise — pediu.

— Mas eu quero ir lá dentro — protestou Sean.

— Preciso que tomes conta da tua irmã. Não teimes.

— Que seca.

— Vá, sê bom menino.

Agarrou na mala, que trazia ali ao lado, e tirou os óculos escuros do suporte das bebidas. Abriu a porta e o calor entrou como um cão raivoso. Saiu o mais depressa possível e tornou a fechá-la, para o ar quente não aquecer o interior do carro. Sentiu a força do sol na cara e nos antebraços; a sua pele muito branca e sardenta não estava habituada a tamanha ferocidade. O resto de protetor solar que ainda tinha fora para os filhos; enfim, ia apanhar um escaldão, mas ao menos poupava esse dinheiro.

Ao pôr os óculos escuros, permitiu-se uma olhadela rápida ao carro-patrolha. Um único ocupante: o condutor. Não conseguia ver se era homem ou mulher. Na insígnia na porta lia-se: «DEPARTAMENTO DO XERIFE DE ELDER COUNTY.» Espreguiçando-se, deu uma volta completa no mesmo sítio e aproveitou para ver a região montanhosa lá ao fundo, por trás da loja, a estrada sem movimento e os rolos de vegetação seca a reboarem do outro lado da estrada. Ao tornar a ficar virada para a frente, olhou uma vez mais para o carro-patrolha. O ocupante estava a beber qualquer coisa e parecia nem ter dado por ela.

Pisou o alpendre de cimento, avançou até à porta e, ao abri-la, foi atingida por uma rajada de ar fresco — que trouxe consigo um ou outro odor rançoso, apesar do ar condicionado. A pouca luz ali dentro obrigou-a a pôr os óculos escuros para cima, embora ela tivesse preferido continuar com eles. Mas enfim, mais valia lembrarem-se dela a comprar água do que a tropeçar em caixas.

Ao fundo, atrás do balcão, estava sentada uma idosa com o cabelo pintado de preto; numa mão segurava uma caneta, na outra, umas palavras cruzadas. Não levantou os olhos, a indicar que a vira entrar — por Audra, tudo bem.

Um frigorífico a abarrotar de águas e refrigerantes zunia ali encostado à parede. Audra tirou para fora três garrafas de água e uma *Coca-Cola*.

— Desculpe...? — chamou. Sem levantar a cabeça, a idosa respondeu:

— Huum...?

— Têm café?

— Não, senhora.

Com a caneta, a idosa apontou para oeste.

— Silver Water fica mais ou menos a oito quilómetros neste sentido e lá têm um restaurante onde o café até nem é mau.

Audra aproximou-se do balcão.

— OK. Então é só isto.

Ao pousar as quatro garrafas de plástico, reparou na vitrina na parede. Ali dentro estava uma dúzia de pistolas de várias formas e feitios, revólveres e semiautomáticas, se ela não estava a fazer confusão. Sempre vivera na costa leste e, mesmo sabendo que as armas de fogo eram legais no Arizona, ainda assim ver tantas ali sobressaltou-a. *Era um refrigerante e uma pistola, se faz favor*, veio-lhe à cabeça, e quase riu alto. A mulher registou as bebidas e ela procurou dinheiro na mala, temendo, por instantes, que pudesse já não lhe sobrar nenhum. *Cá estás tu*. Tinha uma nota de dez dólares dobrada juntamente com um recibo de drogaria; deu-a à idosa e esperou pelo troco.

— Obrigada — agradeceu, ao agarrar de novo nas garrafas.

— Huum.

A idosa mal levantara os olhos desde que ela ali entrara e ainda bem. Mais tarde, se lhe perguntassem, talvez se lembrasse de uma mulher alta e de cabelo castanho-avermelhado. Se tanto. Audra encaminhou-se para a porta e tornou a sair para o calor abalroante. Do banco traseiro, Sean observava-a. Ao lado dele, Louise continuava a dormir. Audra olhou na direção do carro-patrolha.

Já ali não estava.

Uma mancha mais escura no piso, onde o polícia despejara o que ficara por beber; na gravilha, um rasto de pneus. Com a mão em pala a proteger os olhos, olhou em volta. Nem sinal do carro. O alívio que então sentiu foi um choque; nem se dera conta do estado em que a deixara aquele carro-patrolha ali.

Vá, deixa. Faz-te mas é à estrada, vai até à cidade que a mulher disse e arranja sítio para dormirem.

Foi até à porta traseira do lado de Louise e abriu-a. Acocorando-se, passou uma garrafa de água a Sean e depois, de mansinho, abanou a filha. Louise resmungou e mexeu as pernas.

— Acorda, amorzinho.

A pequenita esfregou os olhos e, a pestanejar, fitou a mãe.

— O que é...?

Audra desenroscou a tampa da garrafa e levou-lha aos lábios.

— Não quero — protestou Louise, num queixume rouco.

Audra encostou-lha aos lábios.

— Não queres, mas vais beber.

Inclinou a garrafa e lá passou um fiozinho de água por entre os lábios da filha. A pequena largou o *Gogo*, agarrou na garrafa e bebeu vários goles de seguida.

— Vês? — disse Audra.

Olhou para Sean.

— Vá, tu também.

O filho obedeceu e ela tornou a entrar no carro e a sentar-se ao volante. Saiu dali de marcha-atrás, depois fez inversão de sentido, tornou a passar pela ponte de gado e seguiu pela estrada em frente. Como não se viam mais carros, não foi preciso parar antes de entrar na estrada principal. Ao som da vibração do motor, a loja foi diminuindo no retrovisor.

Os filhos não diziam palavra; apenas se ouviam os seus goles e suspiros satisfeitos. Audra segurou a garrafa de *Coca-Cola* entre as coxas, desenroscou a tampa e bebeu um bom trago, aquela efervescência gelada a picar-lhe na língua e na garganta. Arrotoou e Sean e Louise puseram-se a rir. Olhou por cima do ombro e sorriu-lhes de volta.

— Esse foi à maneira, mãe — elogiou Sean.

— Pois foi — concordou Louise.

— Sempre às ordens — brincou Audra, tornando depois a concentrar-se na estrada.

Ainda não se avistava a cidade. «Oito quilómetros», dissera a mulher, e Audra já vira dois marcos quilométricos, portanto ainda faltava. Mas não muito. Imaginou um motel, mas dos limpos, com chuveiro no quarto (*oh, Deus, um duche*) ou, melhor ainda, banheira. Deu largas à fantasia: talvez até tivessem canais por cabo e aí, enquanto os filhos viam desenhos animados, ela ia poder ficar de molho numa banheira cheia de água quente e espuma, até se livrar da poeira, da transpiração e do peso de tudo aquilo. Outro marco quilométrico e então ela disse: — Já não falta muito, são só mais três ou quatro, OK?

— Ainda bem — disse Sean.

Louise ergueu os braços e, sem grande energia, exclamou:

— Viiiiivaaa...

Audra tornou a sorrir; já quase sentia a água do banho na pele.

Então, passou de fugida o olhar pelo retrovisor e viu que o carro-patrolha vinha a segui-los.